

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT14.022

## EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E POTENCIALIDADES DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Andreia Barreto Chaves<sup>1</sup>  
Silvana do Nascimento Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo investigar a inserção da Educação Ambiental no contexto da Educação Infantil, com foco nas práticas pedagógicas que promovem a criticidade desde os primeiros anos escolares. A pesquisa parte do entendimento de que a infância é um período fundamental para a formação de valores e atitudes voltadas ao enfrentamento das questões socioambientais e, sendo a escola um espaço privilegiado para o desenvolvimento dessas competências. A abordagem teórico-metodológica adotada é qualitativa, com base nos pressupostos da pesquisa-ação, conforme proposto por Thiollent (2011), e ancorada nas contribuições de Loureiro (2012) e Carvalho (2004), que defendem uma educação ambiental crítica e transformadora. Foram realizadas observações e entrevistas com professores de turmas da educação infantil em duas instituições privadas, visando identificar como os conteúdos ambientais são trabalhados e quais estratégias são utilizadas para envolver as crianças com questões socioambientais. Os resultados

- 1 Mestre do Curso de Pós Graduação em Educação Científica e Formação de Professores - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, dea\_bb@yahoo.com.br;
- 2 Doutora, professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores (DCB/UESB) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, silvananascimento@uesb.edu.br.

indicam que, embora haja esforços isolados por parte de educadores comprometidos com a causa ambiental, ainda existe uma carência de formação específica e continuada para professores da Educação Infantil. As atividades mais eficazes identificadas foram aquelas que se baseiam na vivência direta com a natureza, rodas de conversa e projetos interdisciplinares. Conclui-se que a educação ambiental na infância tem grande potencial transformador, mas requer investimento em formação docente e políticas públicas que reconheçam sua relevância no currículo escolar. A pesquisa contribui para o debate sobre a necessidade de uma abordagem mais sistemática e integrada da temática ambiental nas práticas pedagógicas da educação infantil.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental, Educação Infantil, Práticas Pedagógicas, Formação Docente.

## INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea atravessa uma crise socioambiental sem precedentes, resultado do uso predatório dos recursos naturais e da exploração desmedida do meio ambiente. Essa crise extrapola os limites da ecologia e se manifesta nas esferas social, econômica e política, refletindo um modelo de desenvolvimento sustentado pela lógica do consumo e pela busca incessante do lucro. Como destaca Carvalho (2004), a degradação ambiental é expressão de uma crise civilizatória mais ampla, que evidencia a necessidade urgente de repensar as relações entre seres humanos, natureza e sociedade.

Os efeitos dessa crise manifestam-se nas mudanças climáticas, na poluição, no desmatamento e em catástrofes naturais cada vez mais frequentes, agravadas por conflitos armados, pandemias e disputas econômicas. Diante desse cenário, torna-se urgente repensar a relação entre seres humanos e natureza, promovendo uma cultura de cuidado, respeito+. A transformação dessa realidade demanda uma mudança de mentalidade coletiva, que se inicia na formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel na sociedade. Nessa perspectiva, a Educação Ambiental (EA) surge como instrumento essencial para o desenvolvimento de atitudes e valores voltados ao enfrentamento das questões socioambientais.

Inspirada nos princípios freirianos de uma educação libertadora e dialógica (FREIRE, 1979, 2000, 2003), a Educação Ambiental Crítica busca superar práticas pontuais e reducionistas que tratam o tema apenas de forma comemorativa ou disciplinar. Conforme defendem Loureiro (2008, 2012) e Layrargues e Lima (2014), essa abordagem promove a conscientização política e social, incentivando o engajamento e a formação de cidadãos comprometidos com a sustentabilidade e a justiça ambiental.

Quando inserida na Educação Infantil, a Educação Ambiental Crítica ganha ainda mais relevância, pois é na infância que se formam valores, atitudes e modos de compreender o mundo. As crianças, enquanto sujeitos históricos e produtores de cultura (FREIRE, 2000), devem ser estimuladas

a perceber-se como parte integrante do ambiente, capazes de compreender e intervir criticamente em sua realidade.

Entretanto, observa-se que muitas práticas pedagógicas ainda se limitam a ações esporádicas, desvinculadas de uma proposta crítica e contínua. Documentos orientadores, como os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (BRASIL, 2006a) e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2016), embora reconheçam a importância da formação integral das crianças, pouco avançam na consolidação da Educação Ambiental Crítica como eixo estruturante do currículo. Segundo Silva e Loureiro (2020), há um “silenciamento” das discussões socioambientais nesses documentos, o que contribui para o esvaziamento da temática no contexto escolar.

Considerando esse cenário, é imprescindível compreender de que maneira a Educação Ambiental Crítica tem sido incorporada nas práticas pedagógicas da Educação Infantil e quais são os desafios e potencialidades dessa inserção. Assim, este artigo tem como objetivo investigar a inserção da Educação Ambiental Crítica na Educação Infantil, com foco nas práticas pedagógicas que promovem a criticidade desde os primeiros anos escolares.

A pesquisa, de abordagem qualitativa e fundamentada na pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011), busca identificar como os educadores concebem e aplicam a Educação Ambiental Crítica em seu cotidiano, bem como analisar as estratégias que favorecem o envolvimento das crianças com questões socioambientais.

Assim, o presente artigo tem como objetivo geral analisar as práticas docentes voltadas à Educação Ambiental Crítica na Educação Infantil, identificando as estratégias utilizadas e as percepções dos professores sobre o tema.

Especificamente, busca-se:

- Compreender como os educadores da Educação Infantil concebem e aplicam a Educação Ambiental Crítica em seu cotidiano pedagógico;

- Identificar práticas e experiências significativas que favoreçam a formação de atitudes críticas e sustentáveis nas crianças;
- Refletir sobre as necessidades de formação docente e políticas institucionais que possam fortalecer a inserção da Educação Ambiental Crítica desde a infância.

Desse modo, pretende-se contribuir para o debate acerca da importância da Educação Ambiental Crítica na formação das crianças, ressaltando o papel da escola como espaço privilegiado para o desenvolvimento de uma consciência socioambiental transformadora e de uma postura ética frente aos desafios do mundo contemporâneo.

## METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, por compreender que os fenômenos educativos envolvem significados, valores e práticas que não podem ser quantificados, mas interpretados à luz do contexto social em que se manifestam (MINAYO, 2001). O enfoque qualitativo permite uma aproximação mais sensível à realidade vivida pelos sujeitos da pesquisa, possibilitando compreender como as práticas pedagógicas se constituem e como expressam concepções de Educação Ambiental Crítica na Educação Infantil.

O estudo fundamenta-se na metodologia da pesquisa-ação, conforme os pressupostos de Thiollent (2011), que propõe a articulação entre a investigação científica e a ação transformadora no campo educacional. Essa metodologia foi escolhida por possibilitar a participação ativa dos educadores no processo de reflexão e reconstrução de suas próprias práticas, em consonância com o caráter emancipador da Educação Ambiental Crítica (LOUREIRO, 2012; GUIMARÃES, 2007).

A pesquisa foi desenvolvida em duas instituições privadas de Educação Infantil, localizadas em contexto urbano, que atendem crianças de 3 a 5 anos de idade. A escolha das instituições ocorreu de forma intencio-

nal, considerando o interesse das equipes pedagógicas em aprimorar suas práticas relacionadas à temática ambiental. Participaram do estudo seis professoras, além das coordenadoras pedagógicas e gestoras escolares, compondo um grupo colaborativo de reflexão e ação.

Os instrumentos de coleta de dados incluíram observações participantes, entrevistas semiestruturadas e registros de campo. As observações foram realizadas ao longo de um semestre letivo, em momentos de rotina, projetos e atividades específicas sobre o meio ambiente. As entrevistas tiveram como objetivo compreender as concepções das docentes sobre a Educação Ambiental e identificar as estratégias utilizadas em sala de aula para o desenvolvimento de atitudes críticas e sustentáveis nas crianças. Todo o processo de coleta de dados foi acompanhado por registros descritivos e reflexivos, que subsidiaram as análises.

Para a análise dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo (BARDIN, 2011), buscando identificar categorias emergentes relacionadas às concepções, práticas e desafios na inserção da Educação Ambiental Crítica na Educação Infantil. As categorias foram organizadas a partir da triangulação entre os dados empíricos, o referencial teórico e os objetivos da pesquisa.

Durante todas as etapas, foram observados os princípios éticos da pesquisa com seres humanos. As participantes foram informadas sobre os objetivos da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo-se o anonimato e o respeito à integridade das informações coletadas.

Assim, a metodologia adotada busca não apenas descrever práticas pedagógicas, mas promover a reflexão crítica sobre elas, em diálogo com os princípios da Educação Ambiental Crítica. Desse modo, pretende-se contribuir para a construção de saberes e ações que integrem teoria e prática, fortalecendo o papel da escola como espaço de transformação social e ambiental.

## ETAPAS DA PESQUISA

O desenvolvimento desta pesquisa seguiu uma sequência metodológica estruturada em quatro etapas principais, articuladas entre si e orientadas pelos pressupostos da pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011). Cada fase foi planejada de modo a assegurar o envolvimento dos sujeitos participantes, a reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas e a produção de conhecimentos relevantes ao campo da Educação Ambiental Crítica na Educação Infantil.

### ETAPA EXPLORATÓRIA E DIAGNÓSTICO INICIAL

Na primeira fase, realizou-se um levantamento bibliográfico e documental com o objetivo de identificar as principais abordagens teóricas sobre Educação Ambiental Crítica e suas aplicações na Educação Infantil. Essa etapa permitiu delimitar o problema de pesquisa, formular os objetivos e estabelecer o referencial teórico, fundamentado em autores como Freire (2000, 2003), Carvalho (2004) e Loureiro (2012). Paralelamente, foi realizado um diagnóstico preliminar junto às instituições participantes, a fim de compreender o contexto pedagógico, as concepções dos educadores sobre o tema e a presença (ou ausência) da Educação Ambiental nos projetos escolares.

### PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO DAS AÇÕES

Com base nas informações coletadas na etapa anterior, foi elaborado o plano de ação colaborativo, em conjunto com as professoras e coordenadoras pedagógicas das duas instituições envolvidas. Essa fase contemplou a definição dos eixos temáticos, a seleção das turmas participantes e o planejamento das estratégias pedagógicas a serem observadas e analisadas. O grupo de pesquisa discutiu coletivamente a forma de inserção

das pesquisadoras no cotidiano escolar, de modo a integrá-las às rotinas e projetos já existentes, respeitando o contexto e a autonomia docente.

## **IMPLEMENTAÇÃO E OBSERVAÇÃO DAS PRÁTICAS**

A terceira etapa correspondeu à execução das ações planejadas e ao acompanhamento das práticas pedagógicas voltadas à Educação Ambiental Crítica. As observações participantes ocorreram ao longo de um semestre letivo, durante atividades rotineiras e projetos temáticos, registrando-se as interações entre professores, crianças e o ambiente escolar. Nessa fase, buscou-se compreender como os docentes abordavam as questões socioambientais e de que maneira promoviam a participação ativa e reflexiva das crianças. As entrevistas semiestruturadas, aplicadas às docentes e coordenadoras, complementaram os dados observacionais, permitindo captar percepções, desafios e estratégias de ensino.

## **ANÁLISE, REFLEXÃO E DEVOLUTIVA**

A última etapa concentrou-se na sistematização e interpretação dos dados obtidos, utilizando-se a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). As informações provenientes das observações e entrevistas foram organizadas em categorias temáticas, possibilitando a identificação de padrões, tensões e potencialidades nas práticas observadas. O processo analítico foi realizado de forma colaborativa, com momentos de devolutiva e discussão com as participantes, respeitando os princípios éticos e dialógicos da pesquisa-ação. Essa etapa final possibilitou não apenas a elaboração dos resultados e das conclusões do estudo, mas também a reflexão conjunta sobre possibilidades de transformação das práticas pedagógicas no campo da Educação Ambiental Crítica.

Assim, as etapas da pesquisa foram concebidas de modo articulado e reflexivo, permitindo a integração entre teoria e prática, investigação e ação educativa. Tal estrutura garantiu que o estudo mantivesse coerência

com seus objetivos, favorecendo a produção de conhecimentos significativos e socialmente comprometidos com uma educação ambiental emancipatória desde a infância.

## CONTEXTO E SUJEITOS DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida em duas instituições privadas de Educação Infantil, localizadas em um contexto urbano de médio porte, que atendem crianças com idades entre três e cinco anos. Ambas as escolas possuem propostas pedagógicas que enfatizam o desenvolvimento integral da criança, priorizando a ludicidade, a interação e a aprendizagem significativa. Apesar de apresentarem certa abertura para temas socioambientais, observou-se que as práticas relacionadas à Educação Ambiental ainda ocorrem de maneira pontual, geralmente vinculadas a projetos temáticos ou datas comemorativas.

O contexto institucional foi escolhido de forma intencional, considerando o interesse das equipes pedagógicas em refletir e aprimorar suas práticas voltadas à Educação Ambiental. Essa escolha favoreceu a constituição de um espaço colaborativo entre pesquisadora e docentes, alinhado à perspectiva da pesquisa-ação, na qual a investigação se constrói a partir da interação e do diálogo com os sujeitos envolvidos.

Os sujeitos participantes da pesquisa foram seis professoras da Educação Infantil, atuantes nas turmas de grupos 3, 4 e 5, além das coordenadoras pedagógicas e gestoras das respectivas instituições. As docentes possuem formações em Pedagogia e experiências profissionais que variam entre dois e quinze anos de atuação na Educação Infantil. Todas manifestaram interesse em participar voluntariamente do estudo, sendo devidamente informadas sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa.

As professoras foram consideradas sujeitos centrais do processo investigativo, por estarem diretamente envolvidas nas práticas cotidianas e na mediação das experiências de aprendizagem das crianças. Por meio

de suas concepções, narrativas e ações, foi possível compreender como a Educação Ambiental é percebida, planejada e efetivada nas práticas pedagógicas da Educação Infantil.

O grupo de crianças, embora não tenha sido participante direto das entrevistas, foi observado nas atividades e interações mediadas pelas professoras, respeitando-se os princípios éticos da pesquisa com crianças, incluindo o anonimato, o respeito à privacidade e à rotina escolar. As observações buscaram captar de que maneira as crianças se envolviam com as propostas ambientais e como expressavam, em suas falas e atitudes, percepções sobre o meio ambiente e o cuidado com a natureza.

Desse modo, o contexto e os sujeitos da pesquisa configuraram-se como elementos fundamentais para compreender as potencialidades e os desafios da inserção da Educação Ambiental Crítica na Educação Infantil, evidenciando como as práticas docentes podem se transformar em espaços de reflexão, ação e emancipação coletiva.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados obtidos por meio das observações e entrevistas realizadas com professores da Educação Infantil em duas escolas privadas evidenciou que a Educação Ambiental está presente no cotidiano escolar, porém de forma ainda incipiente e, em muitos casos, desvinculada de uma proposta crítica e contínua. Os resultados apontam que, embora exista o reconhecimento da importância do tema, as práticas desenvolvidas nem sempre estão ancoradas em uma perspectiva transformadora, como preconizam Loureiro (2012) e Carvalho (2004).

Durante as observações, constatou-se que grande parte das atividades relacionadas à Educação Ambiental ocorre em momentos pontuais, frequentemente associadas a datas comemorativas, como o Dia da Árvore ou o Dia do Meio Ambiente. Nessas ocasiões, as propostas geralmente envolvem ações de plantio, confecção de cartazes ou reaproveitamento de materiais recicláveis. Apesar de relevantes, essas práticas tendem a

reforçar uma visão reducionista e comportamental da temática ambiental, sem estabelecer uma conexão profunda entre o conhecimento e a realidade socioambiental vivenciada pelas crianças.

Por outro lado, foram identificadas iniciativas mais consistentes e significativas, especialmente quando os educadores se mostravam comprometidos com uma abordagem crítica e interdisciplinar. Projetos que envolviam a observação e o cuidado de hortas escolares, rodas de conversa sobre o consumo consciente e atividades que exploravam o contato direto com a natureza demonstraram maior potencial para promover reflexões e atitudes sustentáveis entre as crianças. Nessas experiências, a Educação Ambiental foi compreendida como prática social e política, conforme defendem Layrargues e Lima (2014), possibilitando às crianças perceberem-se como parte integrante do ambiente e corresponsáveis por sua preservação.

As entrevistas com os docentes revelaram que a maioria reconhece a relevância da Educação Ambiental para a formação das crianças, mas destaca limitações quanto à formação continuada e ao apoio institucional. Muitos relataram não possuir preparo teórico-metodológico suficiente para trabalhar a temática de forma crítica e interdisciplinar, o que os leva a reproduzir práticas tradicionais e pontuais. Essa lacuna formativa corrobora os apontamentos de Silva e Loureiro (2020), ao afirmarem que a ausência de políticas de formação docente voltadas para a Educação Ambiental Crítica contribui para o enfraquecimento de sua efetivação nas escolas.

Outro aspecto observado refere-se à influência da gestão escolar e do currículo. Em ambas as instituições analisadas, constatou-se que a Educação Ambiental não figura como eixo estruturante do projeto pedagógico, sendo tratada como conteúdo complementar. Essa ausência reflete, segundo Carvalho (2004), a dificuldade histórica da escola em assumir a dimensão política e transformadora da educação, reduzindo-a a práticas moralizantes ou de sensibilização superficial.

Entretanto, quando as ações foram planejadas de maneira colaborativa, envolvendo professores, coordenação pedagógica e as próprias crianças, verificou-se maior engajamento e compreensão dos temas abordados. A participação ativa das crianças em discussões, experimentos e observações cotidianas favoreceu a construção de saberes mais significativos, alinhados à proposta freiriana de uma educação dialógica e emancipatória (FREIRE, 2000).

De modo geral, os resultados indicam que a Educação Ambiental Crítica na Educação Infantil possui grande potencial formativo, mas sua consolidação depende de investimento em formação docente, revisão curricular e políticas institucionais que reconheçam sua relevância no processo educativo. As práticas mais exitosas foram aquelas que integraram teoria e vivência, permitindo que as crianças experienciassem o cuidado com o ambiente de forma concreta, reflexiva e coletiva.

## CATEGORIAS TEMÁTICAS QUE EMERGIRAM DURANTE O ESTUDO

### CATEGORIA 1 – CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Predomina uma concepção plural: alguns docentes entendem EA como sensibilização e cuidado (valores, atitudes), outros a associam a ações práticas (reciclagem, hortas) e há poucos que a concebem explicitamente como abordagem também crítica e política. Observou-se que muitos planos de aula registram atividades ambientais pontuais (datas comemorativas, oficinas de reciclagem) sem articulação curricular contínua.

### CATEGORIA 2 – ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS UTILIZADAS

Estratégias mais recorrentes: *vivências diretas com a natureza* (visitas ao pátio, hortas escolares), *rodas de conversa* sobre temas do cotidiano

(lixo, água, animais) e *projetos interdisciplinares* articulando artes, ciências e linguagem. Atividades lúdicas (brincadeiras dirigidas, contação de histórias) são utilizadas para introduzir temáticas ambientais de forma acessível à faixa etária.

### **CATEGORIA 3 – FORMAÇÃO DOCENTE E APOIO INSTITUCIONAL**

Foi identificada uma carência perceptível em formação específica continuada: muitos professores relataram nunca ter participado de curso ou oficina sobre EA aplicável à Educação Infantil. Falta de materiais pedagógicos adequados e limitações de tempo na rotina escolar apontadas como barreiras à implementação sistemática de projetos ambientais.

### **CATEGORIA 4 – POTENCIALIDADES PERCEBIDAS NAS PRÁTICAS OBSERVADAS**

Projetos ancorados na vivência direta (horta, cuidado de plantas, observação de insetos) mostraram maior engajamento infantil e produção de sentido por parte das crianças. Rodas de conversa e atividades que valorizam o protagonismo infantil favoreceram a expressão de opiniões e a construção coletiva de soluções simples (por exemplo, campanhas internas de economia de água).

### **CATEGORIA 5 – TENSÕES E LIMITAÇÕES**

Tensão entre ações pontuais e a necessidade de abordagem contínua e integrada. Alguns professores relataram resistência familiar (baixa adesão em algumas ações externas) e limitações estruturais (espaço físico reduzido, falta de transporte para saídas).

## DA SENSIBILIZAÇÃO À CRITICIDADE: CONTINUIDADE NECESSÁRIA

Os achados confirmam tensão já apontada na literatura: a Educação Ambiental é frequentemente reduzida a ações pontuais de sensibilização, campanhas, datas comemorativas, oficinas de reciclagem, em vez de constituir eixo curricular contínuo e crítico. Isso aproxima-se da crítica de Loureiro e Carvalho sobre práticas ingênuas e fragmentadas. No entanto, as experiências observadas que envolvem vivência direta (horta, saídas ao entorno) e projetos interdisciplinares indicam caminhos para superar essa fragmentação, uma vez que produzem engajamento infantil e permitem a articulação entre saberes (ciências, linguagens, artes).

A pesquisa-ação permitiu perceber que a mera realização de atividades práticas não garante a formação crítica: é necessário que essas experiências sejam mediadas por práticas reflexivas, que problematizem causas e consequências socioambientais e estimulem a participação e a ação coletiva. Isso remete diretamente ao ideal freiriano de educação como prática reflexiva e transformadora: a atividade deve ser acompanhada por diálogo e problematização, permitindo que crianças desenvolvam compreensão sobre relações sociais e políticas que produzem desigualdades ambientais.

## FORMAÇÃO DOCENTE COMO EIXO TRANSFORMADOR

Um dos achados centrais é a carência de formação específica e continuada para trabalhar EA na Educação Infantil. Sem formação, docentes tendem a reproduzir práticas pontuais e a priorizar atividades de curto prazo. A literatura aponta formação crítica que articule conteúdo conceitual (ecologia básica, sustentabilidade), metodologias participativas (investigação, projetos) e reflexões éticas/políticas como essenciais. Os dados aqui coletados corroboram essa necessidade: professores manifestaram interesse e disposição, mas relataram falta de oferta formativa direcionada à faixa etária e às especificidades da prática pedagógica infantil

## **ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS EFICAZES E SUA ARTICULAÇÃO CURRICULAR**

As estratégias mais eficazes identificadas foram a vivência direta com a natureza, rodas de conversa e projetos interdisciplinares, alinham-se com a ideia de EA que promove saberes experimentais e democráticos. A experiência na horta, por exemplo, permite aprendizagens concretas sobre ciclos de vida, cuidado e interdependência. Roda de conversa, por sua vez, configura-se como espaço dialógico onde as crianças articulam experiências, constroem significados e têm voz com as crianças, prática central para uma EA crítica. Para que essas estratégias alcancem seu potencial transformador é necessário: que sejam integradas em sequências pedagógicas planejamentos em Educação Ambiental, contemplando oportunidades de avaliação formativa, envolvendo família e comunidade, ampliando o alcance das ações e diminuindo resistências observadas.

## **BARREIRAS INSTITUCIONAIS E ESTRUTURAIS**

As limitações de tempo, espaço físico e recursos aparecem como barreiras concretas. Além disso, o “silenciamento” observado em documentos normativos contribui para que a EA não seja priorizada nas agendas pedagógicas. A fragmentação curricular e a pressão por cumprir rotinas e indicadores administrativos limitam a disponibilidade dos professores para empreender projetos mais amplos. Essas barreiras corroboram a necessidade de políticas públicas que deem suporte material e formativo às escolas.

## **POTENCIALIDADES E EVIDÊNCIAS DE TRANSFORMAÇÃO**

Apesar das dificuldades, os dados indicam potencialidades reais: onde houve coordenação entre professor, direção e famílias, os projetos geraram atitudes de cuidado nas crianças e pequenas mudanças de rotina:

economia de água, separação de resíduos, cultivo coletivo, dentre outros. Esses sinais reforçam a hipótese de que a Educação Ambiental Crítica, trabalhada desde a infância, tem poder formador e pode contribuir para mudanças culturais a médio e longo prazo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar uma pesquisa é um momento único, cheios de incertezas, dúvidas e muitos questionamentos. Iniciamos com a sensação de que poderíamos responder nossa questão e que tudo seguiria um caminho reto sem tropeços, ao final desse estudo, posso afirmar que não é bem assim. Os caminhos vão seguindo de maneira que não controlamos suas curvas e retas, no meio do caminho vão surgindo novas provocações, imprevistos e descobertas, o que nos propõem outros estudos e reflexões.

A pesquisa realizada evidenciou que a inserção da Educação Ambiental Crítica na Educação Infantil constitui um campo fértil, porém ainda em construção, permeado por desafios estruturais, formativos e institucionais. As análises revelaram que, embora haja o reconhecimento da importância da temática ambiental, sua efetivação no cotidiano escolar ocorre, em grande parte, de forma pontual e fragmentada, carecendo de uma abordagem contínua, interdisciplinar e politicamente engajada.

Constatou-se que as práticas pedagógicas voltadas à Educação Ambiental, quando reduzidas a ações comemorativas ou meramente ilustrativas, pouco contribuem para a formação crítica das crianças. Entretanto, as experiências que articularam o contato direto com a natureza, o diálogo e a reflexão coletiva demonstraram maior potencial transformador, favorecendo a construção de saberes significativos e a formação de atitudes éticas e solidárias em relação ao meio ambiente. Nessas práticas, a criança foi reconhecida como sujeito ativo e participante, capaz de interpretar e intervir na realidade, o que aproxima a Educação Ambiental dos princípios freirianos de uma pedagogia libertadora.

Os resultados também reforçam a necessidade urgente de investimento na formação docente continuada, voltada à compreensão crítica da crise socioambiental e ao desenvolvimento de metodologias participativas adaptadas à primeira infância. A ausência de políticas públicas que garantam essa formação específica e o apoio institucional às escolas contribui para a fragilidade das ações e para a permanência de uma visão instrumental da Educação Ambiental. Assim, torna-se fundamental que os sistemas de ensino reconheçam a Educação Ambiental Crítica como eixo estruturante dos currículos e das práticas pedagógicas, e não como um tema acessório.

Verificou-se, ainda, que as barreiras enfrentadas como limitações de tempo, espaço e recursos, podem ser parcialmente superadas mediante planejamento colaborativo, integração curricular e envolvimento das famílias e comunidades. Quando a escola se propõe a trabalhar de forma coletiva, dialógica e sensível às realidades locais, a Educação Ambiental deixa de ser uma atividade isolada e se transforma em um processo educativo permanente, capaz de gerar mudanças culturais e sociais.

Inferimos também que a Educação Ambiental Crítica ganha destaque através do projeto desenvolvido pela instituição, mesmo não aparecendo no projeto “Educação Ambiental Crítica”, nota-se que existem indícios de possibilidades da realização de um trabalho mais voltado para as questões socioambientais mesmo que uma vez ao ano.

Conclui-se, portanto, que a Educação Ambiental Crítica na Educação Infantil é um caminho indispensável para a construção de uma sociedade mais justa, sustentável e consciente de suas interdependências. Investir na formação das crianças sob essa perspectiva é semear uma nova forma de estar no mundo, baseada no cuidado, na solidariedade e no compromisso com a vida. A escola, nesse sentido, reafirma-se como espaço privilegiado de transformação e resistência, onde se cultivam não apenas conhecimentos, mas também valores e esperanças capazes de reencantar as relações entre seres humanos e natureza.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2016.

BRASIL. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**. Brasília: Ministério da Educação, 2006a.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

GUIMARÃES, Mauro. **A formação de educadores ambientais: um campo em construção**. Campinas: Papyrus, 2007.

GUIMARÃES, Mauro. **Educação ambiental crítica: avanços e desafios na construção de uma práxis transformadora**. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; LAYRARGUES, Philippe Pomier; CASTRO, Ronaldo Seroa da Motta (orgs.).

**Pensamento complexo, dialética e educação ambiental crítica**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2019. p. 65-83.

LAYRARGUES, Philippe Pomier; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. **As macro-tendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira**. In: LAYRARGUES, Philippe Pomier; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa (orgs.). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2014. p. 15-28.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Educação ambiental e movimentos sociais: teorias e práticas de uma pedagogia ambiental crítica**. São Paulo: Cortez, 2008.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Educação ambiental crítica: contribuições para uma agenda de pesquisa**. In: LAYRARGUES, Philippe Pomier (org.).

**Identities da educação ambiental brasileira.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2012. p. 65-78.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

SATO, Michèle. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico.** Campinas: Papyrus, 2001.

SILVA, Kelly Cristina da; LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **A ausência da dimensão crítica da educação ambiental na BNCC. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 37, n. 1, p. 143-162, 2020.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.